

Entusiasmo e Contra-revelação: Uma antropologia do cotidiano entre os Tupinambá no sul da Bahia

Susana de Matos Viegas

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Não há perspectiva mais excitante para o etnógrafo do que a de ser o primeiro branco a penetrar numa comunidade indígena. Já em 1938 essa recompensa suprema apenas se podia obter em algumas regiões do Mundo suficientemente raras para que se possam contar com os dedos de uma mão. Desde então, essas possibilidades tornaram-se ainda mais restritas. Reviverei, portanto, a experiência dos antigos viajantes e, através dela, esse momento crucial do pensamento moderno em que, graças às grandes descobertas, uma humanidade que se pensava completa e terminada recebe subitamente, como uma contra-revelação, o anúncio de que não estava só, formava uma peça de um conjunto mais vasto e que, para se conhecer, ela tinha primeiro de contemplar a sua imagem irreconhecível nesse espelho de que uma parcela esquecida pelos séculos iria, só para mim, lançar o seu primeiro e último reflexo.

Este entusiasmo ainda terá lugar no século XX? Por pouco conhecidos que fossem os índios Pimenta-Bueno, não podia esperar deles o choque sentido pelos grandes autores: Léry, Staden, Thevet, que há quatrocentos anos puseram pé no território brasileiro. O que então viram, os nossos olhos nunca voltarão a aperceber.

Claude Lévi-Strauss 1981 (1955): 322.

O conhecimento dos povos ameríndios na América do Sul esteve desde sempre associado a uma das grandes problemáticas da modernidade: a possibilidade da alteridade absoluta, da busca de um outro radicalmente diferente. Na sua origem a questão surgiu de reflexões sobre a condição humana, sobre as práticas antropofágicas e sobre a ausência de ‘sociedade’ entre os nativos americanos, particularmente entre os povos da grande família Tupi que mais cedo foram descritos por exploradores, missionários, colonos e filósofos.

Apesar da reformulação teórica e metodológica na antropologia das últimas décadas, fazendo face ao que se passa a considerar “o problema” da alteridade (Overing e Rapport 2000: 13), o facto do contexto ameríndio ter servido essa lógica da alteridade durante um período demasiado longo da história do pensamento europeu, explica que sucessivas gerações de intelectuais, compelidos por convicções sobre as virtualidades da diferenciação étnica e cultural, continuem a procurar os traços mais radicais da alteridade entre os índios da América do Sul. Assim se vão deixando sucessivos e traiçoeiros rastros não apenas nas representações que circulam desses povos, em ciberespaços ou contextos afins do mundo tecnológico actual, mas também na história do seu estudo antropológico (cf. Ramos 1994, 1998: 267-292).

A maior ou menor proximidade da vida ameríndia à alteridade absoluta continua, assim, a fazer-se presente tanto no estudo de povos ameríndios nos confins da Amazônia como daqueles que se confrontam há longa data e de modo sistemático com os propósitos modernos de homogeneização civilizacional. O que está em causa é a velha questão da inscrição da diferença cultural no modo como concebemos a vida social e cultural. No caso sul ameríndio, se nos séculos XVI e XVII a reflexão sobre a alteridade absoluta se substantivava nas práticas canibais, actualmente podemos dizer replicar-se na procura de uma identificação essencial entre o modo de vida dos índios e “a natureza” – uma ideia que, entre outros problemas, circunscreve os índios ao espaço geográfico e ambiental da floresta Amazónica. Tal como acontecia nesses séculos remotos, também agora estes modos de definir a cultura e a sociedade têm consequências imediatas e nefastas na inserção dos índios nos mundos políticos e sociais em que vivem.

Ao longo dos debates etnográficos que tenho vindo a desenvolver sobre os Tupinambá que habitam na Mata Atlântica no sul da Bahia, onde fiz trabalho de campo continuado entre 1997-1998 e subsequentemente em períodos de um a dois meses entre 1999 e 2005, procurei encontrar formas de nos afastarmos definitivamente do modelo da diferença pela alteridade,

desenvolvendo uma etnografia da experiência vivida fortemente marcada pela reflexão comparativa, sustentando-a numa ‘antropologia da vida quotidiana’ (Viegas, 2007).

Por considerar que essa antropologia do quotidiano se revelou uma estratégia de investigação particularmente útil para nos afastarmos da lógica da alteridade, neste texto apresento e discuto o percurso e as notas de campo que a modelaram. Através dessas notas de campo darei conta de dois tipos de relações estabelecidas em campo: em primeiro lugar, aquelas que se fazem da expansão de redes pessoais de contacto; em segundo lugar, aquelas que se focalizam nas observações do quotidiano. Proponho chamar de ‘trabalho de campo em rede’ à primeira estratégia de investigação e de ‘trabalho de campo do quotidiano’ à segunda, mas considero que a antropologia da vida quotidiana integra as duas, não devendo enveredar em exclusivo por nenhuma delas.

Se quisermos aproximar cada uma destas estratégias à literatura antropológica podemos dizer que a primeira se aproxima da maneira como, por exemplo, Fred Myers nos descreve a sua experiência de campo entre os aborígenes australianos Pintupi: “A minha conexão nunca foi com os Pintupi como um grupo mas, diferentemente, com vários indivíduos que me consideraram como parente” (Myers 1991: 15). Através desta rede de relações interpessoais, Fred Myers conseguiu trabalhar com uma população móvel e fazer dessa experiência uma excelente etnografia.

A segunda estratégia de investigação – o ‘trabalho de campo do quotidiano’ – remete-nos em primeiro lugar para a raiz malinowskiana da observação participante, ao salientar que o nosso esforço em compreender o que significa viver socialmente é melhor alcançado se prestarmos atenção às dimensões mais prosaicas da vida, do que se procurarmos grandes feitos, narrativas, crenças singulares ou outro tipo de eventos que valham por serem intrinsecamente colossais ou distintivos (cf. Gow 1991, Carsten 1997: 7, 2000: 18; McCallum 1998, 2001, Overing e Passes 2000: 8-10). A expressão de uma antropologia do quotidiano é usada actualmente neste sentido malinowskiano que propõe observar os “imponderáveis da vida real”: “A rotina de um dia de trabalho, os detalhes do cuidado com o corpo, da maneira como se come e prepara os alimentos, o tom da conversação e da vida social em torno dos fogos, a existência de grandes amizades e de hostilidades” (Malinowski 1987 [1922]: 7, 18). A atenção dispensada aos aspectos mais prosaicos da vida – tais como a actividade de comer e os modos como ela se integra no quotidiano, ou o acto de tomar conta de crianças, de tratar de um quintal, de acender quotidianamente o fogo, de

conversar e fazer intriga ou de tomar banho – passam a constituir, então, o universo central do trabalho de campo do quotidiano. Mas para além desta veia etnográfica malinowskiana, aquilo que se designa mais recentemente por uma antropologia da vida quotidiana também resulta dos debates feministas, no sentido de tomar os aspectos “domésticos” da vida social como efectivamente constitutivos da socialidade, o que tem vindo a ser considerado crescentemente ajustável aos modos específicos de constituição da vida social para muitos contextos ameríndios (cf. Carsten 1997: 7; Overing 1991, 1999: 84; McCallum 1998: 135; Passes e Overing 2000: 8-10).

Em termos das opções que fui tomando ao longo do trabalho de campo, uma das que viabilizou esta antropologia do quotidiano foi o facto de a partir de certo momento ter decidido residir na casa de uma família em Sapucaeira (uma das localidades na região rural da Mata Atlântica, a cerca de 18 km da Vila de Olivença), num dos ‘grupos locais’ a que chamo de “unidade compósita de residência”.¹ Neste texto dou conta de uma série de circunstâncias que me levaram a tomar esta decisão, tendo em conta determinados objectivos etnográficos. Mas importa igualmente ter consciência de que a opção acarreta consequências na definição da perspectiva assumida pelo antropólogo em relação ao contexto social que estuda. Viveiros de Castro (1986) e Aparecida Vilaça (1992), por exemplo, que fizeram trabalho de campo, respectivamente, entre os Araweté que vivem junto a um afluente do rio Xingu e entre os Wari’ na Rondónia, comentam que optaram por habitar numa casa independente, em vez de ficar numa secção residencial, para evitar “ser tomado como ‘propriedade’ dos membros dessa secção” (Viveiros de Castro 1986: 59). Janet Carsten, diferentemente, salienta as vantagens de ter residido na casa de uma família em Langkawi (Malásia). Carsten comenta que, ainda que exista esse ónus da maior identificação com uma casa em particular, ao mesmo tempo o facto de ter ficado a residir entre uma família constituiu uma ajuda significativa para se aproximar do significado da vida quotidiana em Langkawi (Carsten 1997: 8).

O trabalho de campo a que me refiro neste texto diz respeito maioritariamente à pesquisa que desenvolvi em 1997-1998 sobre os índios hoje

¹ Uma Unidade Compósita de Residência é uma área de habitação constituída por diversas casas que mantêm entre si relações simultâneas de dependência e independência. Para simplificar poderíamos dizer que o conjunto de pessoas que habita uma ‘unidade compósita de residência’ constitui, normalmente, uma ‘família extensa’, mas os processos de independência das casas mostram-nos que o conceito nos afastaria do tipo de relações de parentesco que ocorrem nesta forma de vivência habitacional (cf. Viegas, 2007, Capítulo III a V).

identificados oficialmente como Tupinambá de Olivença.² A região habitada pelos Tupinambá é muito vasta, abarcando uma área com cerca de 50.000 hectares, e a habitação é bastante dispersa, por isso houve uma série de escolhas a fazer sobre onde iria residir, ou quem iria estudar mais aprofundadamente. Os Tupinambá vivem tanto em áreas da mata como na vila. A mata está por sua vez fortemente ocupada por cultivos extensivos desenvolvidos por fazendeiros e é habitada também por um grande contingente populacional que foi migrando para a região ao longo do século XX, para trabalhar nas terras entretanto tituladas. No primeiro conjunto de notas de campo que aqui apresento dou conta do período em que fui tomando a decisão de residir na localidade de Sapucaeira. A habitação dos índios nesta localidade também é dispersa, tendo igualmente compreendido com alguma rapidez que havia uma grande autonomia de cada grupo de casas de parentela que constituem o que chamei de “unidade compósita de residência”. A opção de construir uma casa numa destas unidades de habitação para residir de modo independente era não apenas indesejável para mim, como inviável num contexto onde esse tipo de residência de uma mulher sozinha não é imaginável. Veremos de seguida que, apesar de residir numa casa, o perímetro da investigação de campo que realizei nunca se limitou à área onde estava a morar. Por isso, neste texto darei conta das diferentes relações construídas tanto através de visitas diárias a outras áreas de residência como de notas sobre as visitas de vizinhos e parentes que os meus hóspedes recebiam em casa. Darei igualmente conta das várias caminhadas que fiz na companhia das meninas que viviam na mesma área de residência. Através dessa experiência conheci, por exemplo, as fantasmagorias das adolescentes pelo cruzamento com os bois que pastavam nas fazendas por onde tínhamos que passar.

Antes de iniciar a apresentação deste percurso de campo importa sublinhar, por fim, que, como tem sido afirmado repetidamente na antropologia, o carácter intimista das notas de campo ou excertos do diário de campo faz com que se torne difícil tomar a decisão de os publicar. No entanto, fazê-lo tem sido um meio importante de explicitar as estratégias de investigação no trabalho de campo antropológico. Mais ainda, concordo com a ideia de que as notas de campo instituem uma rotina no trabalho de campo e são a garantia de objectividade no trabalho de campo com observação

² Nos anos de 2003 a 2005 a minha experiência de campo foi muito diversa, enquadrando-se na coordenação de uma equipa interdisciplinar no processo de identificação do território ou Terra Indígena Tupinambá de Olivença (Viegas 2005).

participante, exactamente porque mostram as visões subjectivas que subjazem à construção dos registos empíricos, como sugere, por exemplo, Coffey:

As notas de campo fornecem uma estrutura e um objectivo à experiência do dia a dia no campo (...). Por vezes, escrever notas de campo pode não ser bem vindo, parecendo um gasto excessivo de tempo, mas é necessário no final de um dia de campo. Elas fornecem uma realidade tangível e temporal para aquilo que poderia parecer, de outra forma, uma investigação social sem fim e obscura. Apesar de falarem de realidades factuais, [as notas de campo] podem ser textos muito pessoais e por isso difíceis de partilhar. (...) Elas servem como memória textual do trabalho de campo (Coffey 1999: 21).

Também as notas de campo que aqui apresento expressam sentimentos vividos na experiência de campo, desde os mais divertidos aos mais dolorosos. Registrar esta experiência não é apenas um meio de irmos expressando os nossos sentimentos durante o período de trabalho de campo. É também um meio fundamental de contextualização: primeiro, do registo de observações e diálogos; em segundo lugar, contextualização da própria etnografia. É por isso que importa inscrever no diário de campo o que vamos sentindo em relação às pessoas e à situações que vivemos.

O campo como rede de relações interpessoais

Iniciei o trabalho de campo no dia 5 de Agosto de 1997. Instalei-me num apartamento confortável na vila de Olivença onde anteriormente foi a sede do aldeamento jesuíta de índios. Nesta primeira fase do trabalho queria expandir ao máximo os contactos, mas queria principalmente encetar relações com os índios que habitam na área rural da mata (genericamente chamada de “roça” pelos habitantes de Olivença) e especificamente em Sapucaeira. No final de Agosto tive uma primeira oportunidade de conhecer pessoas de Sapucaeira.

Olivença, 23 de Agosto de 1997.

No Sábado esteve uma chuva torrencial. Começou ainda de madrugada e não parou durante todo o dia. É muito frequente que o céu deixe cair uma cortina de água densa que escurece a paisagem. Foi um dia da estação das

chuvas. Por isso me foi mais fácil pôr a escrita das notas de campo em dia e só pelo final da tarde resolvi sair à procura de Valda,³ para saber se sempre íamos a Sapucaeira e o que se passava com o homem que ela tinha trazido de lá para ser hospitalizado.

Ao final da tarde telefonei ao Dr. João da cabine telefónica (“orelhão”) da praça de Olivença, com um cartão telefónico que consumia períodos num tempo fulminante, ainda que estivesse apenas a ligar para Ilhéus – a 15 km de Olivença. O Dr. João – um médico que se mudou recentemente do Rio de Janeiro para Ilhéus para trabalhar numa secção de saúde pública – é activista do Partido dos Trabalhadores (PT). Ele empenhou-se pessoalmente em fazer com que os índios que conheceu em Sapucaeira se envolvessem com os movimentos sociais dos índios no sul da Bahia, depois de ter conhecido áreas de habitação em Sapucaeira onde os organismos estatais que procuram índios na região normalmente não chegam. O Dr. João ficou surpreendido com o facto de ter encontrado ali uma população que lhe parecia viver de modo diferenciado dos assalariados rurais da região e subsequentemente procurou fontes bibliográficas para compreender que índios eram aqueles e que história tinham.

Mal ouviu a minha voz ao telefone (e reconheceu tratar-se da antropóloga que já sabia ir contactá-lo) começou a falar ininterruptamente, deixando-me estupefacta pela maneira como misturava numa mesma frase referências a acontecimentos ocorridos há poucos dias com outros relativos ao século XVI. Disse-me que aquele povo era descendente de Tupiniquins ou Aymores, porque já havia um estudo feito pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI)⁴ que mostrava isso mesmo. E continuou, explicando que mais tarde tinha havido uma batalha, que parece que era a “batalha dos navegadores” [passada no século XVI] na qual eles tinham sido “dizimados”. Em suma, reproduzia-me o artigo da historiadora Maria Hilda Paraiso que também eu tinha lido na preparação para o trabalho de campo.

O cartão estava a ficar sem saldo quando finalmente chegou ao assunto que havia justificado o meu telefonema. Disse-me então que ia levar esta questão à reunião do Conselho de Saúde Local dos Povos Indígenas do Sul da Bahia em Eunápolis (uma cidade a cerca de 300km de Olivença), para

³ Todos os nomes são fictícios.

⁴ A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) é um departamento do Ministério da Justiça do Brasil, encarregue de lidar com todos os assuntos relativos aos índios no Brasil. Actualmente os assuntos de saúde estão a cargo de um outro organismo estatal, mas neste período também estavam sob responsabilidade da FUNAI.

pedir ajuda à FUNAI para “o povo de Sapucaeira”, levando consigo uma menina de lá (de Sapucaeira) para os motivar a pensar, a conhecer “os parentes” e a trocar conhecimentos sobre as organizações indígenas no sul da Bahia. Quando consegui interrompê-lo expliquei que era esse mesmo o motivo do meu telefonema: saber se eu poderia ir com eles a essa reunião. Respondeu-me, então, que não podia oferecer-me boleia porque o carro já estava cheio, mas que seria simples eu apanhar o ônibus em Ilhéus e que ele me iria buscar depois à estação de ônibus de Eunápolis. Deu-me logo o número de telefone da empresa de ônibus Águia Branca e ficámos de nos falar no dia seguinte para confirmar a minha ida. Explicou-me, ainda, que primeiro eu tinha que falar com o Manuel da FUNAI em Eunápolis para confirmar se eu podia assistir à reunião.

No dia seguinte, depois de vários telefonemas, apanhei o ônibus para Eunápolis.

Eunápolis, 25 de Agosto de 1997. O primeiro encontro com índias de Sapucaeira.

Ontem, pelas cinco da tarde viajava para Eunápolis. Tinha conseguido a aceitação do Manuel, o funcionário da FUNAI de Eunápolis, para assistir à primeira reunião sobre a saúde no sul da Bahia. Soube que a reunião integrava representantes da Fundação Nacional de Saúde (FNS), da FUNAI e os caciques de todas as comunidades indígenas no sul da Bahia. Vim sozinha. O ônibus demorou cinco horas. Cheguei às onze da noite.

Às 7.45 chegámos à reunião, numa sala de conferências com lugar para umas 100 pessoas, onde estavam quatro caciques, dispersos pelas cadeiras da audiência, e duas meninas. O Dr. João apresentou-me de imediato às duas meninas. Sentei-me ao lado delas, comecei a conversar com a mais velha – chamada Nisa – e rapidamente senti uma enorme cumplicidade por sermos as três estranhas àquele meio. O que mais me impressionou em Nisa nesse momento foram os olhos doces, castanho-claro, sempre ajustados num sorriso passivo, pronunciado nas maçãs do rosto. Entendemo-nos desde logo e penso que em grande medida por partilharmos esta experiência iniciática em reuniões sobre políticas indígenas altamente burocráticas. Tal como eu, Nisa estava numa situação inesperada e nova, num mundo estranho de representantes institucionais e de linguagem burocrática.

Ao fim de uma hora de atraso em relação ao horário marcado para o início da reunião, ocupámos as cadeiras dispostas em círculo e a reunião começou. Nisa sentou-se ao meu lado. O presidente do Conselho Local de Saúde do Sul da Bahia, um índio Pataxó, falou depois do Director do distrito

de saúde de Caravelas, Raimundo Filho. Raimundo lembrou que aquela reunião visava discutir os problemas da saúde no sul da Bahia. O cacique Pataxó enfatizou a ausência do Prefeito que tinha sido convocado e não comparecera. Depois propôs que cada um se apresentasse.

Fui fazendo anotações sobre estas intervenções, usando um bloco de notas oferecido pela comissão organizadora da reunião. Quando terminei a primeira página comecei a sentir uma proximidade estranha no olhar de Nisa. Também ela escrevia no seu bloco de notas. Mas fazia anotações depois de olhar atentamente para o meu papel e não depois das pessoas falarem. Passados instantes, Nisa olhava o meu papel com insistência e finalmente perguntou-me, em voz baixa, como era mesmo o nome que eu tinha escrito. Elucidei-a e segui as notas sobre as apresentações, completando uma longa lista de pessoas com nomes e entidades. Nisto estávamos na segunda página e Nisa copiava os meus rabiscos cada vez com mais dificuldade, perguntando insistentemente o que estava escrito. O meu embaraço crescia, dividida entre querer ajudá-la e a responsabilidade de ela registrar como notas suas (a transmitir mais tarde na “aldeia”) o que eu tinha registado como notas de campo. Nos meus apontamentos estava a anotar, por exemplo, as atitudes dos caciques Pataxó ou dos representantes dos organismos de saúde. Nisa, por seu lado, estava realmente a pedir-me socorro e eu compreendia-a tão bem quanto eu própria me sentia em parte nessa situação de difícil compreensão do que se passava.

Ao fim da segunda página Nisa estava a pedir-me a folha de papel para o braço da sua cadeira, de forma a copiar mais livremente o que eu escrevera. Passei então a evitar qualquer anotação para além da transcrição do que ouvia e passei-lhe as minhas anotações.

Nisa foi a esta reunião em substituição de um homem. Entre o conjunto de caciques presentes na reunião, ela era a única índia do sexo feminino. O número de pessoas presentes na reunião variou bastante ao longo dos dois dias, particularmente no que diz respeito aos caciques – ali classificados como “os índios” por todos os que pertenciam a órgãos institucionais.

Depois de muitas apresentações chegou a vez do Dr. João:

— *Queria apresentar o caso de uma comunidade indígena que não existe ainda mas existe. Queria propor que a FUNAI abraçasse os índios de Olivença. Segundo relatos dos estudiosos eles são remanescentes de Tupiniquim, que é um grupo extinto no Brasil.*

Nisa quando se apresenta diz simplesmente o seguinte:

— *Sou Nisa de Sapucaeira e queria pedir recursos para os índios de Sapucaeira.*

Durante a manhã, a reunião foi um caos: caiu-se muito facilmente na discussão de legislação e de assuntos burocráticos. Os Pataxó estavam calados, com um olhar penetrante e desconfiado. Levantaram-se várias vezes a meio da reunião. Nesse dia e no seguinte tentei apenas inteirar-me daquilo a que estava a assistir e só depois de voltar para Olivença e começar a organizar as notas de campo é que entendi exactamente o que era aquele Conselho e as dinâmicas políticas dos órgãos municipais, das políticas indígenas e dos representantes Pataxó ali presentes. Mas definitivamente que me pareceu igualmente interessante a reconstituição dos momentos de conversa com Nisa, nomeadamente no caminho de volta.

Retorno a Olivença.

O Dr. João insistiu comigo para que fosse com eles no carro da FNS para Ilhéus. Na quinta-feira pelas 8.30 já estávamos na estrada, numa carrinha Toyota da FNS, chapa amarela, com a inscrição de Governo Federal. Na parte da frente do carro foi o motorista, o Dr. João e um outro funcionário da FNS. Senti perigo na viagem. A carrinha estava velha e o condutor fez diversas ultrapassagens que não me deixavam à vontade. Depois, não há cinto de segurança na parte de trás portanto há mesmo é que nos agarrarmos ao banco da frente e perceber que uma vez ali nada há a fazer. Na parte de trás do carro ia eu, a Nisa e a irmã mais nova dela, Marlene. Nessa noite dormi muito pouco e portanto fiz-lhes mais companhia pela partilha do silêncio do que por qualquer outra forma de comunicação. Mesmo assim, fomos falando. Durante esta viagem ouvi de Nisa a primeira descrição de Sapucaeira. Nisa disse que vivem no “povoado” cerca de 50 pessoas [no final do trabalho de campo acabei por recensear 130 e após a primeira ida a Sapucaeira apercebi-me que ‘o povoado’ em nada se assemelha a uma área demográfica concentrada como as aldeias de índios no Brasil]. Acrescentou que cultivavam piaçaba, banana, mandioca, e também têm alguns cacauzeiros. Percebeu que eu nada sabia dos cultivos da região e por isso quando parámos a meio da viagem ficou entusiasmada por me ajudar a reconhecer a paisagem. Fiquei a saber o que é uma jaca e o nome de diversas árvores que desconhecia.

Na parte da frente do carro os três homens falaram quase todo o tempo sobre a família: sobre como manter financeira e estavelmente uma família, sobre as esposas que ficam em casa a tomar conta dos filhos, que eles respeitam muito. O motorista dizia que até já experimentou dar um salário à esposa, mas que não resultou. Foi uma conversa que mais uma vez confirmou esta dedicação dos homens à família, à esposa e aos filhos. Aliás

também em Eunápolis ouvi várias conversas que demonstravam este ponto da fidelidade e dedicação conjugal e ainda acima disso, a importância da paternidade.

Olivença, 2 de Setembro de 1997. A Primeira ida a Sapucaeira.

Depois das várias combinações frustradas para ir a Sapucaeira foi com prazer que ontem fui a casa de Valda para combinar a nossa visita já acertada para o dia de hoje, 2 de Setembro. Valda tinha combinado ir neste dia a Sapucaeira acompanhando uma equipe de vacinação. Assim, poderíamos ir de carro.

Quem está a fazer a campanha das vacinas é a DIR e o SUS (Serviço Único de Saúde). A enfermeira do SUS que iria a Sapucaeira está dependente da directora, chamada Maristela. Percebi então que Valda tem uma contenda com ela. Maristela é do partido do Jabes Ribeiro, Prefeito de Ilhéus, enquanto que Valda é do Partido dos Trabalhadores e para além disso Maristela não é católica como Valda (não ficou claro se era da Assembleia de Deus ou Adventista do Sétimo Dia). Assim Valda me explicou porque é que preferiu fazer os contactos com a DIR e não directamente com Maristela.

Valda tinha tudo combinado com Nisa para ir a Sapucaeira neste dia. Tratava-se de mais uma acção da Pastoral da Criança.⁵ Iriam pesar as crianças, aproveitando o facto das mães levarem os filhos para a vacinação. As mães e as crianças estariam todas logo de manhã em casa de Nisa, onde chegaria o carro do SUS. Valda estava determinada a ir, fosse de que forma fosse. Combinámos que nos encontraríamos na manhã seguinte pelas 7.30 – hora marcada pelo Dr. João para lhe telefonarmos para o serviço, de forma a confirmar se haveria lugar no carro do SUS para nós.

Às 7.30 eu estava à porta de Valda. O telefonema ao Dr. João pouco adiantou, pois não nos resolveu a questão do carro. Mas depois do telefonema, Valda estava mais decidida do que nunca. Tínhamos perdido o ónibus da manhã, que passa pelas 6.30 e mesmo que hoje tivesse passado já

⁵ A Pastoral da Criança é um organismo de acção social fundado na década de 1970 pelo Conselho Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), que teve sempre como um dos seus objectivos principais “a sobrevivência e desenvolvimento básico da criança – saúde, nutrição, educação, e comunicação, sobretudo nos bolsões de miséria”. Em Olivença, a acção da Pastoral da Criança iniciou-se em 1985 e em 1997 já actuava em 10 “comunidades”, entre as quais duas na vila, e as restantes na Roça. Em cada uma destas “comunidades” há uma “líder comunitária” que vai fazendo registos do peso das crianças. Estes registos são avaliados pela líder regional com uma regularidade média mensal, e no caso de se verificarem indícios de desnutrição as mães são orientadas para prepararem alimentos com valor nutritivo acrescido.

atrasado agora era tarde e não havia transporte. O carro das vacinas também tinha falhado, então restava-nos o último recurso: a carona. “Pomo-nos ali perto do cemitério” – sugere Valda – e mandamos parar um carro que vá para Sapucaeira.

Pelas 8 horas estávamos no início da estrada de barro que vai em direcção a Sapucaeira, debaixo de um cacauero, à conversa e na esperança que chegasse um carro. Estava eu, Valda, a filha dela deficiente - que a acompanha para todo o lado – e um saco enorme com pão (para “o sopão”).

Ao fim de quinze minutos passava uma carrinha de caixa aberta com um motorista e uma criança. Valda gesticulava e perguntava se não ia para Sapucaeira. E ia. Foi mais rápido que a grande maioria das vezes que espero por um ónibus para Ilhéus. Valda foi para a frente e eu e a filha fomos para a parte detrás, de “caixa aberta”, para fazer uma estrada de barro bastante esburacada, durante cerca de 18 km. O meu cóccix sofreu bastante e se não fosse a corrente de ferro a meio da caixa aberta para me agarrar e o pneu para me encostar, teria sido ainda pior.

Passámos por fazendas e fazendas. A paisagem em alguns momentos está desbastada com gramado, tendo aqui e ali piaçaba. Noutros momentos há uma floresta mais densa com árvores de grande porte junto da estrada, tornando impossível adivinhar o que está por trás. Ao fim de uma trituração relativamente exaustiva, a carrinha parou. Disse um adeus ao motorista, com quem não cheguei sequer a falar e descemos as três num cruzamento. Agora faltava andar mais um pouco a pé até chegarmos a Sapucaeira. Eram 9 horas da manhã, mas o calor já apertava, e esta parte do caminho incluía uma subida íngreme. Valda trazia o saco do pão à cabeça e eu vinha com o outro saco onde ela tinha uns livros e a bíblia. Ao fim destes 500 metros a pé chegámos a uma estrada de barro bem mais estreita e desviada da principal e virámos. Afinal, estávamos já quase a chegar.

A Casa e a Família de Nisa:

Avistámos uma casa ao fundo. Era uma casa de barro e madeira com telhado de zinco. Ao lado tem um telheiro coberto de palha (colocada de forma não sistemática) e bancos de madeira corridos a circunscrever o espaço do sombreado. Enquanto descia, vi Nisa e mais umas três mulheres. Entrámos. O chão da casa é de barro amarelo, alisado com o pisar dos pés descalços, mas mesmo assim com grandes socialcos provocados pela corrosão do uso. A primeira imagem que me chamou a atenção na casa, para além do chão, foi a quantidade de quadros na parede: de Jesus Cristo, São José e outros santos, ao lado do cartaz de Jabes Ribeiro.

Mas a familiaridade com esta casa veio-me, essencialmente, da imagem que tinha das casas do Nordeste brasileiro através das fotografias de Sebastião Salgado. Notei, ainda, que os quartos têm uns divãs relativamente rasteiros e que não têm mosquiteiros, apesar de até possuírem uma estrutura de tecto propícia. Nas traseiras da casa passeiam-se galinhas e pintos que vão comendo as cascas de coco e outros restos da cozinha, mais dois cães rafeiros muito esqueléticos que de vez em quando entram também na casa.

Dentro de casa estava Nisa, a irmã de Nisa, uma mulher com os seus vinte e tais anos e uma menina que é sobrinha de Nisa, mas foi criada ali em casa desde os quarenta dias porque o pais se separaram. Quem neste momento habita esta casa que acabei de descrever é Nisa, os pais e esta sobrinha. Segundo a mãe de Nisa me contou, ela só tem estas duas filhas e depois tem um filho que vive ali perto e que por sinal está doente no hospital. Já é casado e tem duas filhas, que andavam também por lá para serem vacinadas. Os outros quatro filhos (teve sete ao todo) estão longe. Dois estão em Belém e o outro foi para Canavieiras e nunca mais deu notícias. Esta filha mais nova, Nisa, não se quer casar: diz que quer mesmo é conhecer coisas e estudar e não quer pensar em casar – insistiu a mãe de Nisa. Na verdade, houve alguma troca de piadas em torno de ela ter ido a Eunápolis e qualquer dia até ir a Brasília e ainda casar com algum índio por lá.

Crianças em Sapucaeira:

Durante toda a manhã iam chegando mães e crianças. Ao todo terão estado lá umas oito mulheres e umas doze crianças. Curiosamente pouco barulho havia. Um silêncio contrastante com a ruidosa forma de ser baiano. As crianças ficavam pela saia das mães e pouco brincavam. Havia apenas uma que tinha um cavalo feito de um pau de madeira onde montava e com um plástico na ponta em forma de orelhas. As mulheres, sentadas nos bancos corridos do telheiro ou nos bancos dentro de casa também trocavam poucas palavras.

Pesar Crianças.

Quando estava já muita gente Nisa foi buscar a balança para pesar as crianças. É uma balança de ferro pendurada numa haste da casa, com um fato de ganga que suporta as crianças. Regista o peso num livro da Pastoral da Criança e controla o crescimento e a desnutrição através de um gráfico onde só pondera o peso e não a altura. Duas das crianças eram recém nascidas e ainda não estavam registadas. A dificuldade em registos é notória. Muitas

mães não sabem bem a idade e até se comentou que quando é para tratar da aposentadoria fica difícil, por não se saber a idade das pessoas. A pastoral regista também os casos da morte de crianças e tem que registar as causas prováveis.

Pelas 14.30 as mães estavam já muito irrequietas e decidiram voltar para casa, porque o carro para a vacinação não tinha chegado. As crianças tinham comido o almoço feito por Nisa (couve, aipim cozido, carne cozida, feijão, arroz e farinha), um suco sintético de morango e o pão trazido por Valda. Nisa levou-me ainda a conhecer a escola onde ensina. É uma casa não compartimentada, perto da casa dela. Tem uns quatro metros quadrados. Entra-se e num canto há um conjunto de cadeiras amontoadas. De seguida um espaço com umas latas no chão e uma rede. Do lado de cá é a escola e do lado de lá é onde está temporariamente a morar o tio de Nisa. Nas traseiras fica o fogo do tio.

Depois foi a vez de conhecer o resto da “povoação”. Saímos de casa de Nisa com mais quatro mulheres (ou cinco) e seus respectivos filhos. Subimos uma ladeira. Chegámos a uma zona desbastada onde estavam quatro casas também de barro. Valda disse-me que ali não eram “dos nossos”: já foi “comprada”. Era a fazenda de um senhor que passou por nós com um burro e uma criança.

Continuámos a andar e fomos dar a uma outra clareira. Ai encontrámos umas cinco casas. Aquela que visitei tinha dois compartimentos de pequena dimensão. O fogo está sempre cá fora e há uma casa no meio que é nitidamente apenas para comer (colectivamente?). São casas unifamiliares e todos são parentes próximos, normalmente irmãos. As mulheres tratam da casa.

O terreno em volta das casas está relativamente limpo, e à volta há coqueiros, árvores de mamão e de jaca. Uma das mulheres foi apanhar coco que cortou com um facão para dar a Valda e outras descascaram a casca do coco seco para ela levar. Valda apanhou também jaca e mamão verde que diz ser muito bom para fazer xarope para a expectoração. Viemos embora. As enfermeiras ainda chegaram, por isso voltaram a chamar as mães para as vacinas. As mães chegaram vindas da parte de baixo do terreno, outras da parte de cima e outras cinco do mesmo local de habitação que tínhamos acabado de visitar.

As idas a Sapucaeira foram-se sucedendo cada vez com maior frequência, mas a dificuldade em manter estas idas e voltas mostrava-se cada vez maior. Nos dias em que chovia muito, o ónibus podia já nem retornar à

vila ou ir de volta só até um certo ponto no caminho. Sempre que havia um evento marcado, a situação piorava, como aconteceu ainda em Setembro.

No dia 14 de Setembro iria fazer-se em Sapucaeira um encontro que chamaram da “reunião de índios”, organizado por Nisa para apresentar o resultado da reunião de Eunápolis. Para mim era uma ocasião de ter uma visão mais global da população de índios em Sapucaeira. Era também ocasião para acompanhar o processo de organização dos índios de Sapucaeira na articulação com os movimentos sociais em torno da reivindicação de direitos indígenas no Brasil.

Olivença, 14 de Setembro de 1997. Segunda Ida a Sapucaeira.

Domingo acordei às 5.30. Durante a noite tinha despertado, sem exagero, umas quatro vezes entre o total de cinco horas que dormi. Estar presente nesta reunião de Sapucaeira era fundamental para a continuação do trabalho e pesava sobre todas as outras vontades inconscientes (ou mesmo conscientes) de ficar em Olivença para pôr o trabalho da escrita das notas de campo em dia. Acho que neste fim de semana tinha chegado exactamente ao limite da minha capacidade de trabalhar de seguida, sem um dia de descontração. Às 6.25 em ponto estava na paragem de ónibus. Dias antes tinha confirmado e reconfirmado com Valda este horário: “é seis e trinta em ponto” – disse-me ela.

Fui esperando. Quando eram já 7 horas da manhã passaram uns rapazes simpáticos que me chamaram a atenção para o facto de ao Domingo os ónibus não subirem até ao centro de Olivença. Retorqui que indo eu para Sapucaeira, ele teria que passar ali obrigatoriamente. De facto, o único caminho para Sapucaeira é por uma estrada de barro que sai da parte traseira da igreja de Olivença, obrigando, por isso, à passagem pelo largo central onde me encontrava. Os rapazes concordaram e foram-se embora. Agradei mas já não fiquei descansada. Já eram 7.15 e o ónibus sem aparecer. Fui para a parte lateral do largo de Olivença e esperei mais vinte minutos. O calor começava a apertar e o ónibus continuava sem vir. Durante estes vinte minutos já tinha começado a reconstruir tudo quanto sabia para tentar encontrar uma explicação para o que se passava. Primeiro, a hipóteses que parecia verosímil dias antes (quando choveu muito durante um dia inteiro e parte de outro), da chuva impedir a vinda do ónibus. Mas Valda garantiu que, mesmo nessas circunstâncias, o ónibus ia sempre até à fazenda de Jorge e que então podia ir a pé até Sapucaeira. Em segundo lugar – pensei – Sábado fez sol e calor e o mesmo se verificava hoje, portanto a estrada já estava de certeza transitável. Depois, fui reconstituindo conversas cruzadas

sobre o facto do ónibus vir muito cedo e finalmente veio um turbilhão de reflexões sobre a questão do tempo, da demora, da espera – das esperas sucessivas. Então decidi-me. Fui para o sítio onde se inicia a estrada de barro e onde, da primeira vez que fui a Sapucaeira, tinha estado à espera de carona com Valda. Disse para mim própria, diversas vezes, que iria conseguir ultrapassar aquela situação. Felizmente havia uma mulher ali e às tantas resolvi entreter a minha indignação com uma conversa com ela, conhecendo pessoas com quem me vou cruzando.

Apanhei carona depois de quase uma hora de espera e desespero. Foi o primeiro carro que passou. Um camião vermelho, de transporte de mercadorias, com um motorista e uma criança. Mal entrei fiquei a saber que não tinha o problema completamente resolvido, porque ele não ia para Sapucaeira. Teria que apanhar depois outra carona. No caminho disse-me que, na verdade, a área para onde eu ia não era muito longe da zona onde ele me iria deixar, mas como eu não era dali poderia perder-me, porque teria que ir por um caminho diferente da estrada de barro principal.

Não quis arriscar a aventura de entrar pelas roças e poder perder-me no meio do mato, a um Domingo, sem que houvesse a certeza de pessoas a circular. Por isso fiquei na estrada. Eram mais de 8.30 e o calor fazia-se sentir. O sítio onde fiquei não tinha sombra, por isso resolvi ir andando. Passados uns cinco minutos estava junto de uma fazenda com duas casas de cimento, pintadas de branco, à beira da estrada. Um homem de estatura alta, relativamente encorpado, de bigode, cheio de pêlos pelo corpo, vestindo apenas uns calções de banho de Lycra azul marinho onde conseguia (não sei como) pendurar um cinto com o facão, vinha na minha direcção, puxando atrás de si dois burros carregados de cocos. Dirigia-se para um carro e por isso vi ali a minha primeira esperança de uma simpática carona.

Quando me viu perguntou-me se esperava alguém. Respondi-lhe que esperava carona.

“É fácil que passe um carro?” – perguntei.

“Sim, passam a toda a hora... Toma uma água de coco?”

Aceitei. A sede aumentava com o calor.

A fazenda estava cercada de arame farpado. Portanto, depois de dar dois golpes com o facão para fazer a abertura na extremidade do coco, passou-me o coco por cima do arame farpado. Disse-me que o desculpasse, mas naquele lado não havia nenhuma abertura da vedação. Peguei no coco, comecei a bebe-lo e sentei-me no gramado muito macio e bonito, no meio de vários coqueiros, junto da estrada. Ao fim do primeiro gole da água de coco ele chamou-me de novo. É agora que me vai oferecer carona – pensei.

Enganava-me. Surpresa máxima quando o vi aproximar-se com uma cadeira daquelas de plástico. Nem sei se cheguei a ter tempo de reagir. Disse-me que o gramado picava muito e era desconfortável; só sei que num segundo estava a agarrar uma cadeira branca de plástico, de novo por cima do arame farpado e no meio de repetidas desculpas por não ter abertura por ali. Coloquei a cadeira no gramado e sentei-me, à beira da estrada de barro, a um domingo, com um horizonte imenso de coqueirais e o silêncio, a beber uma água de coco.

Quando quase findava a água de coco apareceu um outro homem: o empregado da fazenda. Depois de trocar conversa com o dono, dirigiu-se a mim. Queria saber quem eu era, para onde ia, se era Suiça (parece que há uma Suiça que tem roça por aqueles lados). Lamentei a minha perca do ónibus da manhã. Animou-me, dizendo que passavam sempre ali muitos carros. Quando soube que ia para a área de Nisa explicou-me como estaria perto em linha recta, pelo mato. Disse que essa área ficava “logo ali”, depois de uma elevação que se avistava em frente. A estrada é que dava uma curva grande e criava distância para lá. Nesse momento é que comecei a perceber que devia ter aceite a sugestão do outro camionista e ficar na fazenda para onde ele ia. Mesmo assim, receava o caminho e a falta de hábito na orientação pelo mato, e as cobras que me metem pavor e nunca sei exactamente onde é que podem estar.

De facto, passados uns 20 mn chegava um carro. O ruído do motor ao longe já parecia fantasia de salvação. Começava a preocupar-me com as horas. Mais um camião de transporte. Ia já ali para a frente, para a fazenda de Jorge. O simpático senhor que conversava comigo disse-me para aproveitar porque dali já era perto e que sim, haveria de passar outro carro. Mais uma vez entrei no camião com a esperança que o convencesse a andar um pouco mais e a deixar-me num cruzamento um pouco mais à frente, de onde sabia que me orientaria. Mas o trajecto até à fazenda de Jorge foi rápido e final. Saí então do camião e refugiei-me na sombra do telheiro onde senti um intenso odor a cacau. Estava ao lado de várias sacas de cacau e borras (que o camionista me explicou servirem para estrume). De resto, não havia mais ninguém nas redondezas. Este camionista era um transportador de uma firma de Itabuna e vinha carregar mamão para levar para Pernambuco. Ia partir dali ao meio dia e chegaria na madrugada do dia seguinte a Pernambuco.

Ficámos ali parados, debaixo da sombra, até que me apercebi que estava envolta em mosquitos como da outra vez que ali estive. Desta vez vestia calças, pois mesmo assim prefiro arriscar o calor do sol às picadas de

mosquitos. Fomos conversando sobre o sucesso de Jorge, que cuidava bem da fazenda. Ele dizia que a crise do cacau está a atingir todos os cacauzeiros, mas que os fazendeiros que não abandonaram as fazendas ainda vão conseguindo produzir alguma coisa. Era o caso de Jorge que tinha uma produção diversificada de coqueiros, mandioca, mamão, cacau e abacaxi e que investia na fazenda. Porque o problema dos fazendeiros – dizia –, é que não investem nas fazendas: estoiram tudo o que ganham na época boa, só a comprar e mudar sistematicamente de carro (uma conversa que já ouvira repetidas vezes naqueles dois meses).

Passados uns quinze minutos chegou um tractor. O ruído do motor enganou a minha esperança de se tratar finalmente da carona desejada. Vinha carregado de mamão com uns seis trabalhadores e o patrão. Mais uma vez tive esperança que pudesse vir a acontecer uma gentileza de me darem uma carona no camião pequeno e vazio estacionado debaixo do telheiro. Enganei-me. Ele quis saber quem eu era, o que fazia ali mas não se ofereceu para nada. Passaram mais vinte minutos e já eram mais de nove e meia quando ele se dirigiu de novo a mim. Já devia estar incomodado pela minha presença, de um lado para o outro, enquanto dois tractores com mamão eram descarregados. Insistiu então que eu deveria ir a pé, pois já era perto dali – apenas uns dois quilómetros e meio.

O nervosismo do momento já me tinha feito superar os mosquitos e o calor. Estava exasperada a imaginar a reunião já no fim e a minha perca de uma parte fundamental do processo. Decidi então andar mais um pouco e ver se conseguiria chegar a algum lado. Pensei que quanto mais as horas avançassem, pior seria o calor. Assim, quanto mais cedo partisse melhor.

Comecei a andar e nem dei satisfação ao proprietário, que tinha ido para uma casa escondida ali perto, sem também finalizar cumprimentos. Andando sentia-me melhor, apesar de tudo. Descendo, cheguei à ponte onde duas mulheres e algumas crianças tomavam banho e lavavam louça. Algumas das crianças, nuas, brincavam na subida da estrada de barro. Aquele declive íngreme de barro vermelho tornava a paisagem ainda mais bonita. Dei os bons dias e prossegui. No final da subida e mais um pouco senti uma enorme alegria. Já estava no cruzamento onde tinha ficado com Valda. Se não me enganava era aquele mesmo e nesse caso não estava longe. Tive alguma indecisão num outro cruzamento, mas aos poucos reconheci que era o caminho certo e cheguei à entrada que vai dar à área de Nisa. Ali já não havia equívoco. Tinha chegado.

Ao aproximar-me da casa e do telheiro vi várias pessoas sentadas no banco corrido. Nisa não estava ali. Pedi licença para entrar em casa e

percorri-a até ao lado das traseiras onde estava Nisa, Maria e mais um homem que me foi apresentado como o irmão de José, Roberto. Ficaram muito contentes com a minha chegada. Já estavam a pensar que não iria.

Nisa entrou em casa, acho que para preparar um café e um pão que eu levei para oferecer. Maria dizia para Roberto “ela é que foi com Nisa a Eunápolis. Até ficaram amigas”. Senti um enorme reconforto com esta saída sincera e sorridente de Maria. Desta vez as galinhas aos pés, o chão de barro, o lavatório de louça exterior e meio quebrado, tudo me pareceu já familiar. E principalmente, tinha chegado a tempo; sentia-me finalmente reconfortada.

Roberto conversava com Maria, com alguma ironia, sobre como ele tinha deixado completamente de beber cachaça, mas a mulher não: ainda se fosse só uma de manhã, outra à tarde e outra à noite... Mas não. Era “directo” a beber.

Passaram-se ainda mais umas horas até ao início da “reunião de índio”. Nisa abriu-a com um relato sobre “um passeio” para ver como era para serem registados pelo FUNAI: “— Fui ao passeio e vi o que eles podem dar, que podem dar um serviço médico, que tem problema aqui. Quando alguém adoce telefona-se para a FUNAI ou para o Dr. João e já se sabe com quem se deve falar. Podem arranjar escola, que também tem problema. Se por exemplo você não tem luz podem ‘vim’ e pôr a luz na sua casa”. Acrescentou que para isso era preciso que os presentes assinassem o nome num documento para a FUNAI “poder registrar”. Explicou que viriam dois índios da área indígena de Pau Brasil e um representante da FUNAI “para registrar”. Ninguém respondeu. José então começou a falar: “Dr. João viu que aqui precisava de uma tribla de índios. Que aqui tem descendente de índio e já tem o Caporequi e a Pastoral da Criança. Então ele levou Nisa na FUNAI para tomar conhecimento dos caboclos. Em acto de doença, telefona-se para o Dr. João e ele leva à FUNAI”.

Depois Nisa continuou, ainda, dizendo que a data em que os Pataxó e a FUNAI viriam não estava ainda marcada, mas que ela os avisaria da ocorrência, acrescentando que eles viriam ver também as necessidades de casa e de sala de aula para as crianças “que está precisado”. Ninguém mais falou. Ficou combinado que ela ficaria com os nomes deles. Cada um foi dando o nome completo e Nisa escreveu.

Esta reunião permitiu-me compreender rapidamente que estamos sempre a sobrevalorizar a nossa participação e interferência nas relações que estabelecemos em campo. A troca de apontamentos com Nisa na reunião

em Eunápolis afinal não teve qualquer consequência. A relação entre o que testemunhara em Eunápolis e a mensagem que Nisa passou em Sapucaeira não parecia sequer existir. Nenhum dos meus apontamentos que ela copiou teve qualquer importância naquilo que ela ali transmitiu.

A reunião com os Pataxós e a FUNAI veio a realizar-se ainda em Setembro e também nela participei. Cada vez mais, porém, achava insustentável manter as idas e vindas de ônibus. Ainda nesse final de Setembro comecei a perceber que talvez pudesse vir a residir por ali um tempo, já que essa possibilidade me foi sugerida por Maria.

À espera do ônibus de volta.

Pelas 15.30 já estava a ficar preocupada, porque tinha que voltar. Nisa tinha desaparecido com José e mais duas crianças, que são sobrinhos de Nisa, filhos do irmão. Suspeitei logo do que se trataria porque foram em direcção ao mato, mas logo ali perto – ao local de onde tinham vindo uns cocos da outra vez. Pois desta vez vieram bananas e cocos: dois cocos e um cacho enorme de bananas, para eu levar. Fiquei tão embaraçada que comecei desajeitadamente a usar do que julgava ser etiqueta. Quanto mais dizia para não se incomodarem e que não ia levar tanta banana, etc., mais Maria ficava com uma expressão zangada e ofendida, repetindo “não quer?” Na verdade não só eu não entendia as regras de etiqueta como acho que não estavam mesmo a entender o que eu dizia (o meu sotaque brasileiro estava ainda muito mau). Claro que acabei por vir com os cocos e as bananas da terra e ainda por cima foi Nisa quem as transportou até à paragem de ônibus.

Apesar desta minha falta de jeito, na altura de me despedir Maria insistiu que na próxima vez eu ficasse a dormir lá em casa. Fiquei muito contente com esta proposta. Parecia que tinham adivinhado a minha inquietação sobre como viria a ficar mais tempo ali, experimentando dormir. Vou deixando andar o mês, conhecendo as várias áreas e reconhecendo melhor a região de Sapucaeira.

Nisa subiu comigo até ao ponto do ônibus. O tio Jorge estava na casa da escola, que fica na ladeira. O poster de Jabes Ribeiro ocupa a porta por inteiro. Ele acena um adeus e grita que na próxima eu merendava lá em casa, que ele fazia qualquer coisa para eu comer.

Chegámos ao ponto de ônibus, que na realidade só o é por se saber que o ônibus passa ali. O irmão de Nisa – Manuelo – sentou-se no gramado. É um homem bonito, de feições que correspondem às de um caboclo, na classificação local. Sentou-se no gramado e ficou cabisbaixo, com o braço meio escondido. As crianças corriam de um lado para o outro, especialmente

o que brincava com o pau a fazer de cavalo. Subiam uma pequena inclinação do gramado e entravam por um caminho pequeno, mato adentro. Nisa gritava para que não fossem para o mato. Uma das crianças trazia um facão na mão e brincava com ele na maior descontração. Eu estava um pouco perturbada com isso. Ele ia andando com as costas curvadas para chegar com o facão ao chão, junto do pé. Nisa só ficava preocupada quando ele ia a correr com o facão na mão, atrás de outras crianças. Ela não parecia pôr a hipótese do auto-flagelo.

Do outro lado da estrada, a cunhada de Nisa encostava-se a uma armação de arame farpado, com uma das crianças nos braços. Durante os quase 60 minutos da espera do ônibus ela nunca falou com o marido. Cabisbaixo, em silêncio, o irmão de Nisa só se viu obrigado a responder aos transeuntes que perguntavam como é que ele estava. Nisa, entretanto, tinha-me posto a par da situação da doença dele, que eu de qualquer forma já tinha ouvido da mãe dela. Mas ali, naquele cenário da mulher dele com três filhos, à distância, à espera que ele partisse, e ele calado, a dor era-me mostrada de uma forma ainda mais clara. Manoel, o irmão de Nisa, deve ter uns quarenta anos (não mais), mas está com uma doença grave e tem mulher e três filhos cuja vida deve depender pelo menos em parte do seu trabalho assalariado, já que não vi que ali alguma mulher trabalhasse como assalariada. Ele ia para casa de uma tia, em Ilhéus. No dia seguinte tinha um exame no hospital para saber ao certo se seria preciso operar. A dependência do hospital cria estes fossos, certamente complicados de gerir afectivamente. A cunhada de Nisa só olhava para o horizonte de onde viria o autocarro. Durante aquela prolongada hora, nunca a vi aproximar-se ou sequer trocar um olhar com o marido.

Trabalho de campo do quotidiano

No final de Novembro achei que tinha chegado ao final de uma primeira etapa do trabalho de campo. Conhecera índios em várias localidades na “roça”, na vila e em várias áreas de Sapucaeira. Voltei a Portugal por umas semanas para rever a família e com o distanciamento tomar decisões sobre como realmente ia orientar o restante período de trabalho de campo. Foi com este afastamento que melhor compreendi que deveria mesmo dedicar mais tempo à observação do quotidiano. Estava perante a vida de índios que há vários séculos viviam naquele território, conviviam com múltiplas formas de organização da vida que se lhes impunham (como a vida as-

salariada nas fazendas, a propriedade da terra, os produtos do mercado e uma convivência diária com pessoas vindas de várias áreas rurais do nordeste) e aquilo que sobre eles se dizia resultava sempre de conhecimentos esporádicos e muito superficiais sobre o seu modo de vida. Conhecer aquele modo de vida através da observação participante podia vir a revelar-se numa maneira de retirar essa `cortina de fumo' que, ao longo de todo este tempo, a ausência de uma etnografia densa deixara pairar sobre as suas vidas.

Em Janeiro dei a notícia a Nisa: iria passar a ficar umas noites em casa deles. No início de Janeiro as festas na vila e o conhecimento de outras localidades fizeram com que essa nova estratégia de campo se fosse introduzindo aos poucos, mas a partir de meados do mês já me tornara hóspede na casa de Nisa. Como ela foi estudar para uma escola em Ilhéus onde pernoitava 15 dias do mês, muitas vezes dormia sozinha na cama dela. Nas restantes noites, ela partilhava a cama dela comigo. Eu entretanto começara a escrever notas de campo da vida quotidiana. Muitas dessas notas são apenas pequenos apontamentos que só no decorrer do tempo se foram tomando em histórias, algumas delas mais tarde em estudos de caso.⁶ Outras notas descrevem relações entre as pessoas que iam passando na casa de Nisa, daquelas que eu ia visitando (umas vezes sozinha e outras com Nisa) e das caminhadas que fizemos, por exemplo, para ir assistir a jogos de futebol ou para visitar parentes noutras localidades. Também fui registando o movimento das visitas de vizinhos e parentes aos meus anfitriões e claro a rotina do amanhecer e do anoitecer naquela casa, da circulação de crianças e adultos entre as casas de uma mesma unidade compósita de residência, dos hábitos de alimentação e dos banhos.

Sapucaieira, 17 de Janeiro de 1998.

Cheguei esta tarde. Jantámos às 7h da tarde: eu, Maria, José, Deigo, Meira e Nisa. No cair da noite fumei um cigarro com Maria. Depois, juntei-me a José que estava na parte de fora da casa. José esteve a explicar que trabalha para "ele mesmo", só às vezes trabalha "avulso", por empreitada.

Aproveito agora este espaço de tempo antes de irem dormir para escrever. Só Deigo dorme. Lá fora joga-se dominó à luz de candeeiros de querosene. Na sala ficam apenas velas e um candeeiro de "bujão" que não tem gás porque é difícil comprá-lo. O vendedor de gás da região está sem

⁶ Ver especialmente Viegas, 2007, capítulo V.

bujões pequenos e para os trazer de Ilhéus têm que ser transportados clandestinamente, porque é proibido trazê-los no ônibus.

José foi hoje ao mercado comprar mantimentos. Acabou o dinheiro e ainda ficou a dever 3 reais. Já não deu para comprar farinha nem óleo. Pegaram emprestado do Jorge a farinha para o jantar: arroz, pequenos pedaços de frango, farinha, ensopado de peixe.

Sapucaeira, 15 de Fevereiro (Domingo).

Acordei com o tão anunciado programa de rádio: "Brasil: Bom dia. Acorde". Deveriam ser umas 6.30. Eu adormecera pela meia noite e mais uma vez me perguntava como é que nesta casa todos dormem tão pouco.

O movimento da casa não demorou e quando me levantei já todos estavam na zona do fogo a preparar os "cortados" de mamão, abóbora, maxixe e beringelas, para o almoço. Quando ainda estava no quarto, ouvi Maria dizer que não é brincadeira ter o Vice-Prefeito "dentro de casa".

O que eu sabia era que neste dia ia haver uma reunião da associação, já que se tinha anunciado subitamente ontem à tarde, por um recado de Geo. Os filhos de Mariele (a filha de Maria que está temporariamente a viver na casa onde antes vivia o tio de Nisa) já estavam lá em casa quando me levantei. Manoel, Antónia e os filhos, e Meira e Nisa, estavam todos junto do fogo a cortar os legumes. Os fogos ficam ocupados e por isso improvisaram mais um fogo no chão, com tijolos a circunscrever e as chapas de ferro por cima. Havia um clima de festa. Os meninos todos ajudavam. A mim coube-me cortar as beringelas. Conversa para cá e para lá, e grande excitação pela chegada do Vice-Prefeito. Ao fim de uma hora José chegou com a notícia de que o Vice-Prefeito afinal não vinha. O recado de Geo tinha sido mal compreendido. Quando atravessei a casa para ver o que se passava na ala dos homens, estava Geo, José e mais três homens debaixo do pé de jaca. José cortava o cabelo a um deles. Conversavam sobre a reunião.

Voltei para as traseiras, onde estão as mulheres e as crianças.

O correr dos dias em Sapucaeira.

29 de Abril.

16.50 – Meira chega da escola. Vai ajudar Maria na cozinha, indo à fonte buscar água. José chega e vai merendar. Depois vai cortar lenha.

5 de Maio.

Meira chega da escola às 4.30 da tarde. Vai tomar banho à fonte. Antónia vai também para a fonte e leva as filhas. Deigo fica. José e o neto foram a

casa de Alexandre. José saiu com uma espingarda. Diz que é porque passa nuns mato e é por causa das cobras.

Maria esteve a varrer a casa-de-farinha.

12 de Maio.

Chega-se a casa no mesmo silêncio. As portas estão fechadas e a iluminação apagada. O cansaço pesa mais que tudo. Na sala em frente do quarto, os tachos estão em cima da mesa. No silêncio vejo desaparecerem as pessoas que me acompanhavam. Imagino que José se tenha deitado e de Nisa venho a saber que está a tomar "banho de sopapo". Também eu acabo por tomar um. O que mais se ouve dos banhos de sopapo é o roçar das escovas nos pés. José aparece depois vindo de um banho no córrego, assim mesmo naquelas escuridão. Jantamos e vamos dormir. Nisa e Gilmário nem quiseram jantar. Pela primeira vez esqueci-me de lavar os dentes. Caí em sono profundo.

Na manhã seguinte saía, junto com José. Tinha que voltar a Olivença e Ilhéus. A estrada estava um autêntico lamaçal. José sugeriu que eu fosse descalça: com sapatos ia enterrar os pés. Nisa felizmente salvou-me dizendo que eu não estava acostumada e fazia alergias nos pés. Mesmo sem essa salvação se há algo que não conseguirei é andar descalça no barro. Se não soubesse a quantidade de bactérias que me podem entrar no organismo por essa via, até talvez gostasse da sensação, mas tendo este conhecimento não sou capaz de tamanha ousadia que no caso seria talvez suicida. Penso sempre, nestas ocasiões, que se ficar doente todo o trabalho irá ruir. Por isso estabeleço os princípios básicos de defesa.

16 de Maio.

Agora compreendo a risota das filhas de Mariele quando me viram tomar banho no outro dia. Hoje estive na fonte uma hora, a ver Nisa a lavar a roupa e a conversar. Duas filhas de Mariele (as mesmas do outro dia) estavam sentadas a observar. Depois, foram tomar banho. Hoje reparei na capacidade de improvisado que existe nesta situação do banho. Para fazer de esponja usa-se os calções de algodão que depois são lavados e estendidos. As crianças chegam a ir nuas para casa, deixando a roupa já lavada na fonte (que as adolescentes lavam). Para lavar as unhas dos pés, usa-se a borda das sandálias. Para lavar o cabelo usa-se sabão. O banho das crianças consiste em tirarem a camisola e os calções e de cuecas tomam banho de sopapo, molhando também a cabeça. Depois, lavam as cuecas (fizeram hoje grande alarido com isto porque estavam as primas delas, do lado da Antónia).

Depois, voltam a vestir a roupa, de corpo ainda molhado. Muitas vezes usam a própria t-shirt para limpar a maior quantidade de água e vestem a roupa à espera que este belo clima faça o resto.

Parece-me no entanto haver um grande pudor em mostrar o sexo. É comum que as raparigas tomem banho com as cuecas, quando estamos várias mulheres, o que é quase sempre o caso. Já os homens parecem ir tomar banho individualmente.

14 de Junho.

Agora joga-se dominó. São seis da tarde, mas é noite escura. Estão algumas visitas de novo, depois do jogo de futebol onde estava pouca assistência. Convidaram-me para ir "aos crentes". Penso aceitar, apesar de não me agradar o trajecto pela noite escura. Sinto-me cansada e com muitas saudades de casa e de falar com as meninas e com o Nuno, com quem não consegui falar antes de vir. A Marconi não atendeu o telefone. Amanhã à tarde, se não chover, a ponto de impedir a vinda do ónibus, irei para Olivença. Acabou-se a tinta da caneta e escrever a lápis e à luz do "Zé gás" cansa-me mais ainda. Hoje gostaria de estar em casa, pelo menos em Olivença e de falar para casa, em Portugal. O tempo alonga-se perdidamente.

Noites numa casa em Sapucaeira.

17 de Fevereiro de 1998.

Mais uma vez dormi cedo, com os olhos a caírem de sono. Seriam umas dez horas. Acordei, passado um bom tempo de sono, com Nisa e Meira a deitarem-se. Quando já estava tudo às escuras, comecei a ouvir Nisa a falar "para o pai", que estava já deitado no quarto ao lado, querendo saber as novidades do dia, que se tinha esquecido de perguntar. No final disse "bênção meu pai" e ele respondeu "Deus te abençoe " ou "Deus dê boa sorte" e Meira secundou-a "Bênção meu pai".

29 de Abril de 1998.

Agora no quarto estão mais duas meninas, filhas de Mariele. Põem uma esteira no chão e dormem ali mesmo. Ninguém troca de roupa para se deitar. Em cima do colchão, põe-se uma manta por cima do corpo e já está. De manhã dobra-se a manta e fica aos pés da cama.

A disposição do quarto está de novo alterada. Quase não existem móveis, só duas camas que estão sempre a mudar de posição.

23 de Maio.

Os meninos jogam dominó e Nisa cedo se sentou na mesa da sala a copiar desenhos das revistas de publicidade para fazer compras por correio. À luz de querosene, ficou assim até depois de todos se deitarem e se fecharem as portas de casa. Acabei a noite ao lado dela a ler *Os Magros* de Euclides Neto. Foi a primeira vez que li um romance assim à noite, à luz de querosene. Ouvia-se o ressonar de José, vindo do quarto, e misturado com a respiração menos pesada das meninas, no quarto. Na sala ouve-se também o revolver dos cobertores e do corpo dos rapazinhos, enroscados no sofá. O mais pequeno tinha-se deitado quando ainda estávamos todos na sala, enrolando a cabeça com o lençol, imagino que para diminuir a incidência da luz nos olhos. Mas a luz era fraca, o "agaz" (pronuncia-se agáiz) deixou de funcionar.

É também curioso que as meninas passam a noite a performatizar a deita. Das primeiras vezes nem reparei, mas à medida que se tem vindo a repetir, comecei a notar como as duas filhas de Mariele deitam a esteira (esburacada) no chão bem cedo e quando o fazem muitas vezes deitam-se logo nela enroscadas na manta. Ficam na conversa entre elas. Como não há qualquer preparo para dormir (lava-se os dentes de manhã, não se tira a roupa antes de ir dormir, não se tem o hábito sequer de despejar a bexiga) esta atitude tanto pode significar que no instante seguinte já estejam de novo na sala como que vão mesmo ficar a dormir. Assim, fazem isto repetidas vezes ao longo da noite: deitam-se, enroscam-se na manta como se fossem dormir, conversam e depois levantam-se. Aquilo que definitivamente anuncia que se vai dormir é a bênção.

Aos poucos fui percebendo porque é que todas as manhãs estas minhas companheiras de quarto voltavam para casa da mãe sem tomar o café da manhã em casa da avó. A identificação do parentesco com a persistência de se comer na casa à qual se pertence estava a começar a tornar-se evidente para mim (cf. Viegas 2003, Viegas, 2007, Capítulo III e IV). As notas de campo a este respeito são muitas vezes curtas e em diversos momentos procurei fazer sínteses analíticas ou colocar hipóteses a explorar:

18 de Novembro de 1997.

Fica no entanto claro que existe uma tendência virilocal ou patrilocal: Maria está junto de Manuelo (filho), sendo que ela é viúva. Augusto com os três filhos, casados ou solteiros. Os irmãos de Manuela junto da casa do pai. O pai faleceu e agora fica apenas a viúva e Manuela que, tendo-se

separado está junto da mãe (falta confirmar essa trajectória de vida) e tem junto de si filhas solteiras ou separadas.

Cada conjunto de casas familiares tem um córrego. Assim, há três córregos neste complexo de três grupos familiares: junto da casa de Maria é o córrego do rio Acuípe, junto da de Augusto é o córrego do rio Sapucaeira e junto de Manuela não sei.

Para além do córrego, a casa de farinha também serve o conjunto de casas familiares. Na área de Maria há uma para três casas e na de Manuela há uma para quatro casas.

Cada casal tem sempre a sua casa.

16 de Maio de 1998.

Hoje a mãe de Antónia veio visitá-la com filhas e sobrinhas. Isto criou o maior atrito, porque Dego está com ciúmes de Pena (irmã dele) que nestas circunstâncias não lhe liga nenhuma.

2 de Junho de 1998.

Maria está sempre a brincar com a eventualidade de Dego fugir. Hoje ele ficou em casa da Antónia e almoçou com ela. Maria dizia que Antónia bem que vai tentando agradar para ver se ele fica com ela, mas ele não fica. Maria diz que ele só sairá de casas deles se os pais forem para longe.

Nisa diz que quando casar o marido vai ter que aceitar vir viver para junto de Maria (uxorilocalmente). Ela mesma confessa que é muito apegada aos pais e nunca conseguirá deixá-los, ainda que nem ponha a hipótese de viver na casa dos pais e sim de construir uma casa na área deles. Perguntei-lhe se era mais difícil convencer os homens a ficarem assim junto da famílias das noivas do que o inverso. Ela confirmou que sim, mas que já houve quem o tenha feito com resultados positivos. Houve filhas que impuseram como condição de casamento que o marido viesse morar junto da mãe delas e assim aconteceu.

Visitas em casas e visitas a outras casas.

As minhas visitas às várias unidades compósitas de residências puderam tornar-se rotineiras quando residia já em Sapucaeira. Antes de ir para lá morar Nisa já me tinha levado a visitar muitas destas casas.

24 de Janeiro de 1998.

A situação de residência virilocal ou patrilocal não deixa de me causar uma sensação estranha. A conjugação entre este e outros factores conduz a

um certo tipo de relação de géneros. Assim, por exemplo, tenho observado muito Antónia, a mulher de Manuelo. Os pais dela são da Serra Negra (uma localidade que dista 12 km de Sapucaeira pelo caminho mais directo que só pode ser percorrido a pé), e ela está a viver com o marido ao lado da casa da mãe do marido, em Sapucaeira. O marido não está a trabalhar e portanto circula bastante todo o dia entre a casa dele e a da mãe. Nunca vi o casal junto. Ele por vezes aparece em casa da mãe pelas 7 da manhã e à noite é certo o jogo de dominó. Ela tem sempre algum dos filhos grudados à perna, principalmente o mais pequeno, com dois anos, a quem eu nunca ouvi chorar, parecendo uma criança bem feliz. Parece-me que Antónia se dá muito bem com a família de Manuelo, mas prima essencialmente pelo silêncio. Vi-a pela primeira vez feliz na noite em que o bebé ficou a dormir na minha cama para ela acompanhar até mais tarde a farra em casa de Maria. Vendeu uns salgadinhos ao filho de Augusto e riu entusiasticamente, fazendo inclusive brincadeiras absolutamente infantis com as crianças.

Durante o dia Antónia passa diversas vezes com os baldes de água na cabeça, vinda da fonte, e os filhos colados à perna; ou desaparece para afazeres domésticos.

Esta separação entre os sexos reproduz-se depois a muitos outros níveis. Primeiro, nos banhos, depois na convivência. Aqueles que circulam em visitas entre as diversas áreas de habitação são mais frequentemente homens. As noites de conversa e dominó são sempre com homens e com crianças/adolescentes/solteiras da casa. Esta separação sexual também é marcada na descrição genealógica dos parentes, já que se faz uma distinção quando se descreve os irmãos: "agora do lado masculino", "agora do lado feminino". Mais ainda, Manuela, por exemplo, disse-me que ela era "a caçula". Pouco mais tarde, estava a dizer-me que tinha um irmão mais novo. Foi então que explicou, perante o meu estranhamento, que ela era "a caçula das mulheres". Esta ideia da caçula das mulheres e do caçula dos homens apareceu também noutras descrições, como por exemplo Bernardo. Bernardo foi um dos que reforçou a distinção entre os filhos do "lado feminino" e do "lado masculino".

24 de Maio.

Mariele e Baptista chegaram da feira. José foi lá a casa conversar com eles. Sentou-se na metade do chão da casa que está coberto de cimento e encostou-se numa trave. Trocaram experiências da feira. Concordaram que a semana passada é que tinha sido bom, com "aquela alegria" de pessoas a comprar. E falaram também da necessidade de arranjar ainda mais coisas para levar.

Vadu há pouco queria saber de José. Depois apareceu aqui e acabou por levar 1 litro de cachaça. Essa era a razão porque Vadu procurava José.

Maria ao almoço queixava-se outra vez de não terem comprado o bujão para o fogão. Dizia que com ele podia "cozinhar ligeiro" o café, o macarrão ou o arroz.

25 de Maio.

Antónia vem pedir um pequeno frasco de óleo e 1 cebola. Mariele vem pedir 21 de farinha.

Elia apareceu. Vinha pensando que Valda estaria aqui hoje. Diz que esta semana vai para Ilhéus porque a filha foi operada a um caroço na cara. Os netos de Augusto vieram comprar farinha e cachaça.

2 de Junho.

O dia de hoje está difícil. Parece que todos foram trabalhar. Diz-se que é para ter uns tostões para o São João. Fui a casa da filha de Augusto e só estava a nora dele. Elia era a minha segunda hipótese de visita, mas parece que também foi para a roça. Segundo me disseram, Elia esta semana ia apanhar café. A filha de Augusto parece que também foi trabalhar esta semana. José diz que ela não consegue ficar muito tempo parada. Parece que o trabalho das mulheres obedece a estas situações de aperto. Se é necessário arrecadar fundos extra, elas vão trabalhar.

15 de Junho.

Antónia passou aqui agora com uma grande panela, a caminho da fonte. Hoje Nisa fez todo o serviço de casa ainda antes de eu acordar. Esta semana, Gil já não está, mas há duas novas visitas: um rapaz e uma menina, que são da Fazenda João Alves, parentes de José. Antónia já passou para casa com Nisa, Mariele e as primas. Hoje cantava. Tenho sentido uma grande diferença nela, desde que (quando?) ontem me ofereceu um café, quase me convidando a entrar em casa. Demorou a criar confiança comigo.

Caminhadas.

17 de Maio.

Primeiro passámos de facto nas fazendas junto da rodagem e mal entrámos em campo de gado Nisa começou com aquela simulação de medo em relação aos bois que começo francamente a achar que é um jogo feminino, uma cena qualquer de género. Nisa parece ter real medo dos bois, mas ao mesmo tempo enfrenta-os com um olhar desafiante. Meira e as primas

alinham com ela e desataram a correr, fugindo quando avistaram o boi a andar um pouco mais rápido. Eu peguei num pau comprido e mantive a atitude que me parece sempre melhor nestas situações, que é a de manter a calma até ao final.

Assim fiquei um pouco afastadas delas e desta vez escapei-me da cena que já tinha partilhado na ida ao Baixão: as meninas a correr e aos gritos agudos, bem femininos, fugindo do gado que agora pude distintamente observar estar tão quieto quanto antes. Corriam de costas para o gado e por isso nem pararam de gritar ou correr senão no cimo do vale. Por todos os campos de gado onde passamos contam mais uma história de outras vezes que tiveram que fugir porque um ou outro boi ia mesmo a "enrabá-las". Só agora que escrevo este termo me apercebo como de facto tem imensas conotações sexuais. Quando fomos à Baixão, havia a famosa história de quando a Nisa caiu no rio para fugir a um boi que imaginariamente a ia enrabar, porque na verdade quando se voltou não havia gado à vista. Na ida para a fazenda de Leo também havia a história de quando ela tinha subido a uma árvore. Desta vez a queixa era que ali nem havia árvores para saltar. A verdade é que pelo menos Meia e as primas riram-se com as fugas e os gritos, os paus e os olhares. E no final quando se avistou uma espécie de ravina, um vale criado por um desabamento de terra, que desemboca numa represa de água, Nisa e as primas comentaram como eu tinha ficado calma e nem tinha ligado para o gado. Neste comentário era difícil distinguir se o tom era de elogio pela coragem ou de mais um comentário sobre o exotismo da minha atitude.

Passámos então esta primeira represa de água, que nem nos obrigou a descalçar, porque a água era rasa. A descida desta ravina foi difícil porque escorregava imenso e se há al^go em que ainda não cedo é em andar descalça, ainda que seja absolutamente verdadeiro que esse seja o meio mais seguro de andar em terras escorregadias.

Visitas a outras casas:

18 de Janeiro de 1998.

Acordámos cedo, mas não com o som do programa de rádio da região. Fui com Nisa visitar a famffia dela que mora ali perto. Nisa fez mingau para o café da manhã, com milho e óleo de coco: coco ralado e depois passado no coador. Desde cedo que os dois irmãos de José foram chegando. Ficaram na parte de frente da casa, conversando.

O irmão de Nisa, Manuelo, também nos veio visitar cedo. A partir de certa altura os homens desaparecem e Nisa terminou o serviço doméstico

matinal. Tinha-lhe mostrado as genealogias e com ela construí a de Manuela. Depois propus que começássemos por falar com a mãe de Manuela, viúva de Miguel, que morreu em Agosto e constitui sempre a referência do último depositário da memória cultural, apagado no falecimento recente. Ela explicou que era muito difícil falar com ela, que ela mesma (Nisa) nem gostava muito de se aproximar.

Quando saímos já não sabia bem com quem Nisa havia decidido que iríamos falar. Para subir ao monte onde está a casa de Manuela é necessário, de todo o modo, passar pelas casas de Augusto e seus filhos. Assim ficámos ali um pouco. O irmão de Nisa, Manuêlo, estava lá também. Descemos o monte onde estão as casas deles e subimos o de Manuela. Porém, quando chegámos a casa dela soubemos pela filha que ela não havia ainda retornado de Ilhéus. Desenhei a disposição das casas de Augusto e dos filhos e as de Manuela e as filhas (separadas) no mesmo papel em que fiz as genealogias.

Manuela não estava em casa e por isso decidimos continuar caminho, ladeira abaixo, ladeira acima, e chegámos a casa da mãe de Manuela. A porta estava aberta e lá dentro a desordem de objectos fazia supor que a casa estaria abandonada. Um toalha turca cor de rosa pendurada numa porta (até demasiado bem parecida para a decadência da casa), fazia supor que alguém habitaria a casa. Batemos. Nisa chamou pelo nome e ninguém respondeu. Avançámos então para a casa em frente, a uns 200 metros. Ficámos surpresas quando vimos José sentado no barro do chão, fumando junto de um homem que passei a conhecer como irmão de Manuela — o Gastão. No compartimento em frente de onde eles conversavam estava um objecto de ferro que furava o chão, fazendo um enorme buraco. Na casa havia não sei se um ou dois compartimentos, mas parecia estar vazia: nem uma mesa, nem qualquer mobília. Nas traseiras, junto ao fogo, havia meia dúzia de talheres e copos. Depois de José sair pudemos conversar [mais tarde vim a compreender que aquela penúria na casa de Gastão se tinha sucedido à morte do pai dele depois de uma doença prolongada. Para pagar os medicamentos ele e a irmã foram vendendo tudo o que puderam].

2 de Junho.

— *"Espera um pouco, deixa o café esfriar na boca".*

Depois do almoço apareceu cá Dora. Nem de propósito: afinal ela não tinha ido para a roça trabalhar. Queria comprar aqui cigarros. Sugerí irmos a casa dela. No caminho, encontrámos Bernardo. Dego veio comigo porque queria brincar com o filho deles. Chegámos à casa que eu havia visto tempos atrás. Nessa altura não tinha conseguido falar com Dora. Mal me havia

aproximado da casa ouvira um revólver do mato e vira Dora a fugir na direcção da fonte. Não foi a única vez que aconteceu as mulheres fugirem quando as visitava pela primeira vez. Finalmente, hoje tudo se compôs. Também me senti mais segura por atravessar o mato com eles (ia eu, Bernardo, Dora, o filho deles e Dego). Dias antes tinha apanhado um susto naquele mato, com o suposto silvar de uma cobra. Bernardo diz que ali é mato mesmo, não é "capoeira" (expressão usada para as áreas de mata onde se sabe já ter havido cultivo no passado, estando agora em estado de regeneração). Eu já havia reparado como ali é cerrado. Ele diz que já fixaram roça ali, mas que já foi há muito tempo e que é por isso que é mato e não capoeira. Depois da mata e da plantação de mamão (que é de Lino), na divisa da terra de um outro fazendeiro, chega-se à casa deles em tábuas e telha. Dizem-me logo que é muito melhor do que a outra casa onde viviam anteriormente. Mas mesmo assim aqui não podem criar galinhas porque Lino não quer. Também não podem plantar nada porque o terreno em redor da casa é mesmo pequeno.

Para além disto, o aspecto da área que circunda a casa é de uma enorme devassidão. Em frente da casa há um tronco enorme que imagino só uns sete homens de braços abertos poderiam abraçar. Está queimado na raiz. Junto deste tronco está a roça de mandioca. A queimada para preparar o terreno para o plantio deve ser responsável pelo aspecto negro da terra. Há ainda no chão um pneu amarrado a duas varas que fazem de carro de transporte – provavelmente para lenha.

No interior da casa há apenas três tamboretas de tamanho reduzido e uma mesa meio desconjuntada. De mobília é tudo. As restantes divisões da casa são dois quartos de tamanho exíguo, onde mal cabe uma esteira.

O casal mora com um filho pequeno (de 7 anos), e um outro que parece que tem deficiências.

Bernardo faz carrinhos de mão em madeira e anda a trabalhar para Lino, porque naquela fazenda pouco há: uns pés de cacau e gado, mas pouco — explica.

Quando terminámos a conversa foi difícil trazer Dego de volta para casa. Gosta muito deste filho de Bernardo. Como me ofereceram um cafezinho, Dego saiu-se com uma expressão fantástica para me tentar persuadir a ficar mais uns momentos em casa do amigo:

"— Espera um pouco, deixa o café esfriar na boca"

Foi então tomando café com farinha de mandioca e manteiga – tudo no mesmo copo e bebido à colher.

No caminho de volta para casa, a passagem no mato foi tranquila com a companhia de Dego. Adoro este miúdo.

Em Junho tinha arranjado uma forma de voltar à localidade Acuípe que conheci muito mal. Um dos netos de Maria havia casado com uma mulher que era índia do Acuípe e acabara por ficar a residir na área da esposa (uxorilocalmente) no Acuípe. Eu e as minhas companheiras de quarto que são cunhadas dessa mulher combinámos então ir ao Acuípe a pé, pernoitando em casa dessa cunhada que elas queriam visitar. Partindo de Sapucaeira o trajecto faz-se numas seis horas e obriga-nos a atravessar várias fazendas. Depois de chegarmos ao Acuípe ainda visitei várias áreas de residência e casas dos índios. Só à noite nos recolhemos em casa de Gena – a cunhada destas minhas companheiras de quarto que é do Acuípe.

Voltei para casa ontem muito cansada. Depois da ida a casa de Maura, mais meia hora para lá e para cá, ainda fiz o caminho até casa de Márcio que são mais uns 40mn para lá e para cá. No final do dia tentei contabilizar e acho que terei andado ao todo uns 20 quilómetros. Estava quase noite. Em casa havia apenas uma vela, bem curta. Tivemos que usar de forma restrita, porque ainda tem que dar para a noite de hoje.

Deitei-me pelas 19 horas. As meninas devem ter chegado pelas 21 horas. Pouco tinha dormido, mas acordei com a chegada delas. Contrariamente ao trato de alguma cerimónia que estava à espera de ter, trataram-me com bastante informalidade. Assim, as duas camas da casa foram ocupadas por Gena (o que se compreende por estar grávida) e pelo irmão dela, que dorme no outro quarto. O marido de Gena estava fora a trabalhar. Assim, as meninas dormiram na cama de Gena e a mim deram-me uma esteira para deitar no chão de barro da sala e dormir junto com uma das miúdas mais pequena. A minha companheira de esteira abandonou-a ao fim de poucos minutos e juntou-se à outra irmã, com quem dormiu abraçada. Foi o bem que ela fez, porque onde eu fiquei apanhei frio, vindo dos buracos do barro da casa que se estava a desmanchar.

Quando as meninas chegaram, vinham cheias de energia. Uma vez na cama, começaram a falar com Gena sobre namoros. Eu estava deitada na esteira, no chão da sala, sem conseguir dormir e por isso fui-me entretendo com a conversa, sem nela participar.

Com a conversa percebi, pela primeira vez, que uma das minhas companheiras de quarto tem namoros uns a seguir aos outros e não apenas aqueles que lhe conheci. No meio disto discutiram quem é que tinha namorado com

caboclo. Gena dizia que namorando em Sapucaeira era certo que namoraria com caboclo, porque lá "tudo tem sangue caboclo". Adormeci com o esmorecer da conversa que incluiu inconfidências sobre as brigas entre casais, o ciúme, os namoros das meninas e o perigo de "crescer barriga".

Adormeci para uma noite difícil. Dormi muito mal naquela esteira, no chão, numa ponta da sala, junto da parede de barro. Ouvia muitas vezes ao meu lado um ruído que vinha do barro da parede. Não conseguia decidir-me sobre a origem do ruído e isso causava-me grande ansiedade e insónia. Não sabia se o ruído era causado por um bicho a remover o barro na parede ou se por barro a cair. Lembrei-me então (lembramo-nos sempre das piores coisas, nestas ocasiões) da lagartinha a sair do barro em casa da Isabel. Mais ainda, na parede mesmo colada com a minha esteira há aberturas na parede de barro. Numa parte junto do chão há um buraco com cerca de dois palmos por três onde o barro caiu e portanto com acesso directo à rua e, conseqüentemente, aos bichos e ao frio.

Isto e as duas portas da casa que deixam igualmente entrar o frio incomodaram-me toda a noite. Quando não acordava pelo desconforto de algum frio, acordava pela dor na perna direita resultante da posição do corpo em chão esburacado de barro. Isto já me aconteceu outras vezes, na cama da casa de Sapucaeira.

Despedidas.

21 de Agosto de 1998.

Fui a casa de Sérgio para me despedir. O dia não dá mesmo para mais nada. Os meninos agarraram-me na mão. Saí com os quatro meninos, de mãos dadas. Nunca tinha acontecido antes. Géda não estava na cadeia de mãos e por isso começou a chorar. O sentimento de partida partilha-se e eles expressaram-no de um modo surpreendente, perguntando-me: 'quando voltaremos a comer?' Não há dúvida que a comida é um elo entre pessoas, pois certamente que não se estão a referir à falta das bolachas que trouxe esporadicamente ou das cenouras cruas que quisera experimentar comigo, mas a sentidos mais latos da comensalidade. A minha mão suou na de Antonina, mas ela chorou quando tentei tirá-la.

Não encontrámos Sérgio. Chegando a casa, apercebi-me que Nisa, Meira e José iriam embora de Combi. A Combi chegou cedo por causa do comício do Ferrando Henrique Cardoso, em Ilhéus. Ontem falara-se em irmos ao comício. Hoje desistiu-se de repente, na hora da Combi arrancar. Já me habituei a saber que só na hora das coisas acontecerem é que saberei como

irão ser. Fiquei até contente por não se ter propiciado a ida para o comício. Prefiro não ter que passar por mais uma confusão.

De repente, tive a sensação de um ciclo a cumprir-se. As vezes, queria já não estar aqui. Noutras, tenho sincera tristeza por partir, mas a verdade é que o primeiro sentimento supera o segundo. Ainda nem acredito que já completei o período difícil do campo. Tal como digo aqui, espero voltar aqui à roça e a Ilhéus, e espero até que seja mais no início do próximo ano que no fim. Será, no entanto, uma volta diferente.

Torna-se claro que tenho que arrumar o que fiz e partir para leituras. E, para além disso tudo, retornar a casa, com novo ânimo para a vida e muita vontade de viver uma vida calma e normal.

Imagino que agora esteja preparada até para etnografar uma vida normal.

A vivência prolongada em casas de barro ajudou-me a entender e a registar observações que se revelaram centrais à compreensão dos sentidos da construção e da regeneração dos espaços de habitação, assim como da importância da comensalidade na construção do parentesco. O sentido dessas observações só se completou, contudo, depois de vários meses de intensa leitura de etnografias sobre a Amazônia, sobre o nordeste brasileiro e sobre o debate americanista que se seguiram a este mês de Agosto de 1998, quando voltei de Olivença para Portugal.

Considerações finais

O que conheci no quotidiano em Sapucaeira e aqui exemplifiquei com excertos do diário de campo veio a tomar crescentemente sentido à medida que fui adensando a leitura de etnografias sobre contextos ameríndios. A antropologia da vida quotidiana ajudou-me a fazer essa articulação. O reconhecimento dos Tupinambá como índios pelo Estado Federal do Brasil veio a efectivar-se na minha ausência, no início do ano 2000.

A combinação entre estratégias de investigação que designei de trabalho de campo em rede e de trabalho de campo do quotidiano foi aqui explicitada através de excertos de notas de campo que tanto dão conta de relações interpessoais constituídas ao longo do tempo e imprescindíveis, por exemplo, para a etnografia de um processo político, como do trabalho de campo do quotidiano, feito por vezes de registos diários de observações cuja relevância nem sempre parece imediata ou explicitada à partida.

À medida que as notas de campo sobre a experiência do cotidiano em Sapucaieira se foram transformando em etnografia, fui-as inscrevendo sistematicamente em diversas instâncias do debate americanista. Penso que esta marca comparativa da antropologia contemporânea em conjunto com o trabalho de campo do cotidiano me ajudaram muito a ultrapassar qualquer lógica possível da alteridade. Por isso e para finalizar desafio o leitor a reinterpretar as palavras de Lévi-Strauss que servem de epígrafe a este texto, considerando-as uma advertência para que não nos restrinjamos ao tipo de experiência de extrema alteridade que obrigou Léry e Staden, por exemplo, a circunscrever o conhecimento sobre os Tupi da costa atlântica a uma lógica de contra-revelação. O entusiasmo pode agora estar exactamente no cruzamento entre a experiência de campo e o intenso e rico debate teórico e comparativa na antropologia. Para a sua vertente americanista contribuiu também, sem dúvida, o trabalho de Lévi-Strauss. Mas diria que agora o entusiasmo se vai manifestando no processo de conhecimento etnográfico que entrelaça uma experiência de campo, marcada pela persistência, com as múltiplas estratégias comparativas que conferem à antropologia a sua força no mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

- CARSTEN, JANET. 1997. *The Heat of the Hearth: the process of kinship in a Malay Fishing Community*. Oxford: Clarendon Press.
- CARSTEN, JANET. 2000. "Cultures of relatedness" in Carsten, Janet (ed). Carsten, Janet (ed). *Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship*. Cambridge. Cambridge University Press. Pp.1-36.
- COFFEY, AMANDA, 1999, *The Ethnographic Self: Fieldwork and the Representation of Identity*, Sage Publications, London, Thousand Oaks, New Delhi.
- Gow, PETER. 1991. *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*. Oxford. Clarendon Press.
- LEVI-STRAUSS, CLAUDE. 1981 (1955). *Tristes Trópicos*. edições 70. Lisboa.
- MCCALLUM, CECILIA. 1998. "Alteridade e sociabilidade Kaxinauá: perspectivas de uma antropologia da vida diária". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS. Vol. 13 (38): 127-136.
- MCCALLUM, CECILIA. 2001. *Gender and Sociality in Amazonia. How Real People are Made*. Oxford, New York. Berg.
- MALINOWSKI, BRONISLAW. 1987 (1922). "Introduction: the subject, method and scope of this inquiry". *Argonauts of the Western Pacific*. London and New York. Routledge & Kegan Paul. Pp. 1-25.
- MYERS, FRED R. 1991 (1986). *Pintupi Country, Pintupi Self.. Sentiment, place, and politics among Western Desert Aborigines*. Berkley, Los Angeles, Oxford. University of California Press.
- OVERING, JOANNA & NIGEL RAPPORT. 2000. "Alterity". In *Social and Cultural Anthropology: the key concepts*. Londons and New York. pp. 13-14.
- OVERING, JOANNA E PASSES, ALAN. 2000. "Introduction". *The anthropology of Love and Anger: the esthetics of conviaviality in Native Amazonia*. Routledge: London and New York. Pp. 1-30.

- RAMOS, ALCIDA RITA. 1994. "The Hyperreal Indian". *Critique of Anthropology*. Vol 14(2): 153-171.
- RAMOS, ALCIDA RITA. 1998. *Indigenism: Ethnic Politics in Brazil*. The University of Wisconsin Press. Wisconsin.
- VIEGAS, SUSANA DE MATOS. 2003. "Eating with your favourite mother: time and sociality in a South Amerindian community (South of Bahia/Brazil)". *Journal of the Royal Anthropological Institute* (including Man). Volume 9, 1.
- VIEGAS, SUSANA DE MATOS. 2005. *Relatório Preliminar Circunstanciado de Identificação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença*. Fundação Nacional do Índio (Com Mapa e Adenda de Descrição do Mapa). 450 páginas. Arquivo da FUNAI (DAF), Brasília. Policopiado.
- VIEGAS, SUSANA DE MATOS. 2007. *Terra Calada: os Tupinambá na Mata Atlântica do Sul da Bahia*. 7 Letras, Rio de Janeiro. Almedina, Coimbra.
- VILAÇA, APARECIDA. 1992. *Comendo como Gente: formas de canibalismo Wari'*. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ.
- VIVEIROS DE CASTRO, EDUARDO. 1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor. Anpocs.